

**UMA CRIANÇA
OS GUIARÁ**



[Organizadores]

klênia Fassoni | Lissânder Dias | Welinton Pereira

UMA CRIANÇA OS GUIARÁ

POR UMA TEOLOGIA DA CRIANÇA



Editora Ultimato
Viçosa, MG

UMA CRIANÇA OS GUIARÁ
Categoria: Teologia / Igreja / Liderança

Copyright © 2010, Klênia Fassoni
Lissânder Dias
Welinton Pereira
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Junho de 2010
Preparação e revisão: Paula Mazzini Mendes
Colaboração: Gláucia Siqueira
Capa: Caio Campana

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

C928
2010 Uma criança os guiará / Klênia Fassoni, Lissânder Dias, Welinton Pereira
[organizadores] — Viçosa, MG : Ultimato, 2010.
280p. ; 23cm.
Inclui apêndice
ISBN 978-85-7779-038-8

1. Educação cristã de crianças. 2. Teologia. 3. Bíblia. 4. Criança interior
(Psicanálise) – Aspectos religiosos. 5. Liderança cristã. I. Fassoni, Klênia.
II. Dias, Lissânder. III. Pereira, Welinton.

CDD 22.ed. 268.432

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

Prosa do poeta leigo

ROBERTO DIAMANSO

*Se prosa é o curso livre do discurso
livre de pretensões, livre da métrica,
escrevo estas minhas, poucas linhas, retas.
Mas se não é o verso, não seja inverso
e dele, ausência completa,
não vulgar, trivial, ou comum,
mas sem grande elevação
de fácil compreensão
aos que se debruçarem sobre ela.
Não sei se é possível a uma prosa
não ser também uma conversa
e dessa temo alguns aspectos,
conotações aos quais nos arremessa,
a saber: “isto é conversa”, “palavreado”,
“bafo” de alguém, que não tem
a menor intenção de cumprir;
segundo Aurélio expressa.*

*Conversar é versar com
e eu estou só, versando
versando só assim
quicá serei poeta
mas nem isso me atrevo
dizer que sou profeta,
sejamos pois pastores,
quem quer que ouça
e reconheça a voz
do pastor de todos nós
que amar aos pequeninos
também nos inquieta.*

No campo da prosa em nível semântico
encontrei, prático, positivo,
este, baseado em experiências
ou fatos que não admitem dúvidas,
fala consoante a realidade,
aquele, perito experiente,
que por sua capacidade de agir,
pode ir e conduzir
por onde é transitável,
mostrar a rota certa.

Somos “os do Caminho”,
discípulos daquele que disse,
“Eu sou o caminho”
que pouco escreveu,
mas que muito imprimiu,
não em papel e com tinta,
mas nas mentes e corações
daqueles que mais tarde declararam
não vai jamais ninguém nos demover
o que vimos e ouvimos,
não podemos deixar de dizer
para não desvanecer,
é impressão perpétua.

Este é o caminho para não querer,
outro “vem a nós”
se não o ver,
vir a nós o seu reino.
Reino que não é outro, se não
o reino dos pequeninos pois
dos tais é o reino dos céus,
o Mestre disse aos seus
deixem que venham a mim
que ninguém os impeça.

Senta-te para uma prosa
diga-me se és sabedor
trazes viola prangente

*sendo tu seu tangedor
de mãos hábeis, mão-tenente
de Jesus o bom pastor
dou-te o texto, vês o ensino?
Em que verso começou?*

Cantador

*Achei no Livro Sagrado
Mateus dezenove seis
que bom que me deste vez
ser teu co-laborador.
Nesta obra que tanto estimo
vívido a viver este ensino
que antes de haver menino,
macho e fêmea os criou.*

Poeta prosador

*Sendo assim o que Deus juntou
não é bom que esteja só
ninguém desfaça este nó
daquele que a si nos atou.*

Cantador

*Sou livre e sem amarras
comprado pra liberdade
mas a minha felicidade
é estar ligado aquela
a quem quando eu disse vamos
de pronto disse vambóra
doravante o que outrora fomos,
não seremos mais.
Nossos corações?
continuam sendo dois,
dois vassalos
levando numa liteira
vida inteira
em função de nós
que não se desatam
estes que demos em nós.*

*E tu poeta ancião?
Teus cabelos encanecidos
por tantos dias vividos
teria desvanecido,
o prazer da companhia
daquela que amaste um dia?
Tens ainda poesia,
prosa, verso, uma canção?*

Poeta prosador

*Eu quero me mirar
na água da minha cisterna
mulher da minha mocidade
libido, saudade,
sede da minha gazela.
Obrigado Senhor, pelo meu amor,
o beijo, o doce, os seios dela.
Sentarmos a mesa para comer o grão,
sairmos juntos plantando a semente
cuidar da vida das mudas de gente
que brotam de nós.*

*E outras mudas de gente,
filhos da alteridade
a soltas pela cidade
onde a orfandade os levou.
Estenda-se nosso cuidado
aos meninos abandonados
correndo riscos diversos
que dos pais estão dispersos
como ovelhas sem pastor.*

*Quem não se fizer menino
capaz de com eles brincar
e crer no que o Pai promete
não perde por esperar
por não esperar, travesso
se as avessas, tropeço,
se precipita no mar.*

Imóvel atado a pedra
ou na barriga de um peixe
se pedir que Deus lhe deixe
se viver, se ele deixar,
quem viver verá mudança.
Quem é este que canta e dança?
Rodeado de crianças
das quais se pôs a cuidar.

Cantador

Pois não, eis-me aqui,
se é pra cuidar de meninos
pode me chamar,
que eu vou.
Sei que tem beira de estrada
pedra que eu levei topada
tem também terra molhada
lavoua toda formada
que eu já vi
pé com botãozinho e flor.
Vamo simbóra
pra nossa roça
cuidar de brotos e mudas
pra quando o amanhã chegar,
florescer e dar frutos bons.

Mas quanto àqueles meninos
com pai vivo
e mãe bulindo
todos ao relento dormindo
carentes do mesmo amor.

Poeta prosador

Vamos levá-los para a casa
o pai, a mãe, o filho, a filha
se temos toda a família
só falta o que lhes faltou.

Cantador

*Para o cancionista
o amor é matéria-prima
ainda que não haja rima
e que eu até perca o tom
se não me faltar este dom
sobrosso nenhum restou.*

*Se o sobrosso é o medo
na linguagem nordestina
e é a Bíblia que ensina
que o amor é caridade
não será temeridade
pois Deus por sua bondade
um dia nos adotou.*

*Jesus seu Filho Unigênito
que agora é Filho Primeiro
correu risco verdadeiro
até a morte enfrentou.
Nele todo homem é filho
filho que Deus adotou,
nele Deus é filho adotivo de um homem
o qual digo agora o nome
José que Jacó gerou.*

Roberto Diamanso nasceu no Sítio Paus Viola, em Taquarana, Alagoas. Cresceu nas casas de farinhas onde escutou histórias encantadas contadas e cantadas por gente simples, de onde tira a inspiração para seus poemas e músicas. É músico, poeta, pastor e cuidador de crianças.

Sumário

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	15
PARTE 1 — UM OLHAR REVELADOR	
1. REDESCOBRINDO A CRIANÇA NO CORAÇÃO DA MISSÃO, <i>KEITH J. WHITE</i>	23
2. DEUS NA CRIANÇA, <i>CARLOS QUEIROZ</i>	43
PARTE 2 — NO OLHAR DA TEOLOGIA	
3. A CRIANÇA COMO TEMA TRANSVERSAL DA TEOLOGIA, <i>HAROLD SEGURA</i>	57
4. A CRIANÇA NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA, <i>CARLOS CALDAS</i>	69
5. A MELHOR PARTE DA VIDA HUMANA, ENTREVISTA COM <i>ARIOVALDO RAMOS</i>	77
6. TEOLOGIA DA CRIANÇA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO CONTEXTO AFRICANO, <i>JAN GROBBELAAR</i>	85
7. A VONTADE DO PAI: TEOLOGIA DA DEPENDÊNCIA E PERTENCIMENTO, <i>JAMES B. GILBERT</i> E <i>ELSIE BUENO CUNHA GILBERT</i>	101
8. QUANDO “SEGUIR O LÍDER” NÃO É BRINCADEIRA, <i>WESS STAFFORD</i>	115
PARTE 3 — NO OLHAR DO ANTIGO TESTAMENTO	
9. A CRIANÇA: SUA NATUREZA, SUAS NECESSIDADES, SEU POTENCIAL, <i>BETTY BACON</i>	137
10. A CRIANÇA COMO SINAL, <i>MILTON SCHWANTES</i>	147
11. A CRIANÇA NA CULTURA JUDAICA, <i>MARTIN VOLKMANN</i>	159
PARTE 4 — NO OLHAR DO NOVO TESTAMENTO	
12. A CRIANÇA NO MEIO, <i>WILLIAM L. LANE</i>	167
13. CRIANÇAS QUE CRESCEM COMO JESUS, <i>HAROLD SEGURA</i> E <i>MANFRED GRELLERT</i>	185
PARTE 5 — NO OLHAR DA SOCIEDADE	
14. DOS TAIS É O REINO DOS CÉUS, <i>ALDERI MATOS</i>	195
15. A CRIANÇA E A FÉ, <i>BLANCHES DE PAULA</i>	201
16. A CRIANÇA COMO CHAVE HERMENÊUTICA, <i>KARIN H. K. WONDRAECK</i>	211
17. REINO DE DEUS, VITIMIZAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA, <i>LYNDON DE A. SANTOS</i>	223
18. TEXTOS GRECO-ROMANOS E JUDAICOS SOBRE CRIANÇAS E EDUCAÇÃO, <i>HANS-RUEDI WEBER</i>	235
PARTE 6 — NO OLHAR DA CRIANÇA	
19. O QUE PODEMOS APRENDER COM OS FILHOS, <i>KARL KEPLER</i>	253
APÊNDICE: PROPOSTA TEOLÓGICA DO MOVIMENTO TEOLOGIA DA CRIANÇA, <i>JOHN COLLIER</i>	257
NOTAS	261
BIBLIOGRAFIA	271



Prefácio

Base bíblica

Inicialmente, *Uma Criança os Guiará* surpreende pela riqueza e variedade de material bíblico dos dois Testamentos. Em um simples exame do sumário é possível perceber que há uma série de textos pertinentes não somente em uma sessão bíblica específica, mas também em muitos outros capítulos. Os autores nos chamam a atenção para o fato de que não existem apenas vinte ou trinta textos bíblicos relativos à infância, mas muitos mais. A Bíblia inteira tem relatos, palavras, noções e verdades que ajudam a resgatar a infância como uma importante chave hermenêutica para toda a mensagem bíblica.

Interdisciplinaridade

Há um novo e rico material de psicologia em capítulos como “A Criança e a Fé” e “A Criança como Chave Hermenêutica”. Há um significativo material histórico e de antropologia cultural em textos que tratam dos registros greco-romanos e judaicos sobre a criança e a educação, da infância na perspectiva africana e do panorama histórico-brasileiro das condições da criança. Este modo de enfocar o tema ajuda a contextualizar a reflexão teológica em nossa realidade sociocultural, além de considerar a situação da criança e sua vivência hoje.

Reflexão teológica

Com tal riqueza de materiais, a reflexão teológica se tornou mais complexa; porém, mais rica, interessante e inspiradora. Por exemplo, é sugerido que o tema da infância não seja algo meramente tangencial à teologia, como na abordagem clássica, mas sim transversal e presente

em todos os seus capítulos. A infância deveria estar no princípio, no meio e no final, nos objetivos da teologia, que deveria ser um exercício que efetivamente abençoasse a infância. Muitos teólogos teriam de reaprender com as crianças como ser parte do reino de Deus.

A redescoberta da infância

Os autores propõem uma redescoberta da infância: mais do que a parcela da sociedade que exige atenções especiais (até que se torne gente), ela é a melhor parte da humanidade — é mediadora da revelação de Deus. As crianças não são receptoras passivas da ação dos adultos. Elas são protagonistas tanto no seu processo de formação¹ quanto na ação evangelizadora da igreja.

Crianças são mais do que a igreja do futuro. Elas já são a igreja do presente, e a liderança cristã adulta precisa aprender a tratá-las como tal.

Que efeitos esta teologia poderia trazer para a vida das igrejas? De maneira prática, haveria uma mudança na distribuição dos espaços do templo e na liturgia feita para adultos. Em muitos sentidos, o estilo de vida da igreja local se transformaria, segundo a percepção, a criatividade e o sentido de obediência de cada igreja aos mandamentos de Deus.

Na relação igreja e sociedade, foram creditadas à igreja evangélica brasileira importantes contribuições no processo de democratização e liberalização do ensino básico e secundário para gente jovem (crianças, adolescentes e jovens) no Brasil, desde a segunda metade do século 19 e durante o século 20.² A partir da segunda metade do século 20, tem crescido o número de ONGs evangélicas que trabalham no cuidado de crianças em situação de risco.³

Esta teologia — com sua nova e enriquecida visão da infância — deveria produzir um fermento novo entre nós, propenso a gerar muitos novos projetos que ajudem no processo de reforma que os tempos atuais estão pedindo, tanto na igreja como na sociedade.

Introdução

Em uma pequena igreja no interior de Minas Gerais, durante o culto dominical, o pastor convidou seus membros a orarem em duplas. Todos escolheram seus pares e o pastor acabou orando com uma criança de quatro anos. Gentilmente, ele perguntou ao garoto se teria algum pedido a fazer a Deus. A criança disse apenas “alegria”. Algumas semanas depois, o pastor oraria novamente com esta criança e ela faria o mesmo pedido: “alegria”. Esse adulto desejava no íntimo que Deus inundasse aquela comunidade com a alegria que traz comunhão. Sabia também que aquela criança sempre teve uma participação importante na transmissão desse sentimento aos membros da igreja. Com poucas palavras, o menino disse o necessário. Com seu pouco conhecimento, mostrou o caminho. À sua maneira de ser, relembrou a essência.

Uma Criança os Guiará é baseado no princípio de que a presença da criança não pode passar despercebida, seja em nossas reflexões sociais e teológicas seja em nossas vivências familiares e comunitárias. Nossos olhares devem enxergar a criança como fonte de aprendizagem em um mundo esquecido de valores que ela ainda preserva.

Conduzidos pela criança

O texto de Isaías 11.6 (“...e um *pequenino os guiará*”), que inspirou o título deste livro, refere-se a Jesus. O capítulo 10 do livro trata especificamente desse texto bíblico. É surpreendente refletir sobre o maior evento da história da humanidade a partir da figura de uma criança: “uma criança os conduzirá” e “um menino os guiará” – são outras versões do mesmo texto. Nas palavras do biblista Luiz Sayão,

A grande verdade é que o lugar do nenê é tão especial que Deus resolveu invadir a história humana na figura de um nenê. Em vez de descer diretamente do céu, ou de chegar repentinamente com um exército celestial para implantar seu reino, Deus preferiu a forma mais sublime de aproximar-se do homem: vir como um nenê.¹

O livro possui esta característica: ele é conduzido pela criança. As reflexões aqui reunidas – feitas a partir de diferentes olhares e perspectivas – têm o foco na criança. Nós que organizamos o livro (e outros integrados ao Movimento Teologia da Criança - CTM, sigla em inglês), temos em comum o fato de que em várias ocasiões fomos pastoreados por crianças. Nossos ouvidos, inicialmente já inclinados a discernir mistérios nos balbucios ou falas das crianças, nos últimos anos têm sido treinados a compreender de forma mais intensa verdades eternas a partir delas.

Se por um lado esta reflexão chega com atraso se considerarmos algumas escolas da pedagogia, os poetas, as mães e as ricas experiências de pessoas sensíveis em contato com a criança, por outro ficou clara a surpresa de alguns dos autores quando solicitados a escrever sobre o assunto. Alguns relataram que, quando convidados, inicialmente suspeitaram da pertinência do assunto e, após a pesquisa, reagiram: “Por que não pensei nisto antes?”.

A perspectiva com que o assunto é tratado aqui, com louváveis exceções, está ausente do ambiente evangélico: das igrejas, dos seminários, dos eventos, da mídia, dos programas das denominações, da literatura, das revistas de escola dominical, da pregação, das liturgias, das músicas.

Sensibilizados pela criança

Muitas são as iniciativas e materiais pedagógicos elaborados com o objetivo de trabalhar com a criança ou “evangelizá-la”. O diferencial deste livro em relação aos muitos outros livros cristãos sobre a criança é que aqui ela é a referência, é vista como fonte de aprendizado para os adultos, como modelo do reino e não como alvo de nossas ações ou

de nossos estudos. Na linguagem do CTM, citando Marcos 9.36, aqui a criança é colocada *no meio*.

Ao levar em conta as palavras de Ariovaldo Ramos (a melhor parte da vida humana está com as crianças... nelas ainda podemos ver o melhor do ser humano) e as de Carlos Queiroz (as crianças nos humanizam e evangelizam), podemos afirmar que necessitamos urgentemente ser sensibilizados pelas crianças. A criança pode nos ajudar a resgatar e preservar virtudes dadas por Deus, que ainda estão presentes nelas, como a capacidade do perdão, o amor sincero, a amizade fácil, a espontaneidade, a dependência e a humildade.

A teologia da missão integral, que é uma tentativa de retorno ao evangelho integral (todo o evangelho para todo ser humano), não será integral se não considerar o lugar da criança nas Escrituras e em especial no ministério de Jesus. Em vários episódios, Jesus demonstra profundo respeito e amor pelas crianças. Seguir a Jesus é acima de tudo seguir o seu exemplo.

O médico, educador e escritor judeu Henryk Goldszmit, cujo pseudônimo adotado foi Janusz Korczak, entendeu na prática o exemplo do mestre Jesus no cuidado com as crianças. Ele manteve um orfanato para crianças dos bairros pobres de Varsóvia, na Polônia, e escreveu vários livros e artigos, entre eles o “Direito da Criança ao Respeito”, que mais tarde veio a inspirar a Declaração dos Direitos das Crianças das Nações Unidas.

Korczak morreu em 1942 no campo de concentração em Treblinka. A caminhada de Korczak com duzentas crianças de seu orfanato em direção ao trem que os levaria a morte na câmara de gás talvez seja uma das maiores demonstrações de amor pelas crianças já vistas. O episódio foi relatado com o merecido título “Uma vida guiada pelo amor”:

Em 1942, os nazistas ordenaram a transferência do orfanato para uma casa pequena e suja, no gueto de Varsóvia. Em 5 de agosto do mesmo ano, durante a liquidação do gueto de Varsóvia, os hitleristas ordenaram o agrupamento das crianças do orfanato de Korczak e o envio das mesmas ao campo de morte de Treblinka. O “velho doutor”

reuniu duzentos pupilos, os fez colocarem-se sabiamente em fileiras e, à sua frente, partiu com eles para o “Umschlagplatz”, no cruzamento das ruas Stawki e Dzika, onde todos foram colocados em vagões de carga e enviados para os fornos crematórios.

As contribuições do livro

Esta publicação não pretende abordar a reflexão teológica da criança como um modismo. Muito menos tratar a criança como uma “estratégia” com estatísticas e modelos de alcance a curto, médio ou longo prazo. Por outro lado, também não se trata de *sacralizá-la* como revelação absoluta ou como um ser sem pecado.

Com este livro, desejamos:

- Apresentar reflexões sobre a criança a partir de diferentes áreas;
- Incentivar a observação mais atenta e mais sensível da criança e demonstrar a necessidade/possibilidade de aprendizado sobre o reino de Deus a partir delas e com elas;
- Ampliar a discussão sobre a criança na igreja local, mostrando que o assunto é mais importante, abrangente e profundo do que tem sido colocado, e instigar os leitores a pensarem como deve ser uma igreja que tem a criança como prioridade;
- Ser uma ferramenta de apoio para quem já trabalha com crianças, seja em um ministério infantil ou em organizações sociais;
- Colocar a criança na pauta da reflexão bíblico-teológico-missiológica em centros de formação. Mesmo tendo tantos autores diferentes, a organização dos capítulos considera a unidade do foco (a criança). O livro começa com o reconhecimento de que, ao olharmos para a criança, Deus pode nos revelar verdades desconhecidas, ignoradas ou esquecidas. Os capítulos seguintes trazem olhares a partir da teologia, do Antigo e do Novo Testamentos, das ciências humanas (psicologia, educação e história) e das próprias crianças. O apêndice traz informações sobre o Movimento Teologia da Criança e suas propostas.

Ponto de partida

A você que se propõe a ler este livro, incentivamos manter a expectativa correta: trata-se de um ponto de partida, uma introdução a esse vasto tema. Em 2006, reunimos 25 pessoas (teólogos, trabalhadores na área social, professores, jornalistas e líderes de missões) em Itu, SP, para a 1ª Consulta Teologia da Criança Brasil, parte de um esforço brasileiro liderado pela Rede Mãos Dadas e pela Visão Mundial, e apoiado pela Compassion do Brasil. Durante cinco dias, meditamos, compartilhamos e ouvimos crianças na tentativa de avançar um pouco no objetivo de refletir teologicamente a partir da criança. Em parte, este livro é fruto dessa consulta. Ele se insere também num contexto maior de âmbito internacional. Desde 2002 o CTM vem realizando encontros em diferentes continentes para refletir sobre o assunto.

Nossa contribuição por meio destas páginas vai ajudá-lo a colocar-se no caminho. Há uma peregrinação à frente e incentivamos o leitor a iniciá-la já: além da leitura do livro, propomos que nos próximos dias preste mais atenção nas crianças. Aproxime-se delas, ouça-as com o coração. Siga o conselho de Luiz Sayão: “Antes de ler a Bíblia e de fazer uma oração, procure um nenê, de preferência dormindo, e gaste dois minutos em silêncio olhando bem para ele. Pronto! Você está pronto para meditar e orar”.²

Os organizadores



PARTE 1
UM OLHAR REVELADOR



1.

Redescobrimo a criança no coração da missão*

KEITH J. WHITE

E um pequenino os guiará.

ISAÍAS 11.6

Os cristãos se equivocam ao achar que a Bíblia fala pouco sobre as crianças. Depois de uma rápida pesquisa bíblica, este capítulo vai sugerir os fundamentos de uma base teológica para o nosso papel na missão divina entre as “crianças em risco”.

Não menosprezemos o significado da nossa atual tarefa. O que não estamos entendendo bem ou negligenciando nos ensinamentos de Deus a respeito das crianças e da infância? Em que níveis o mau entendimento ou a negligência às palavras de Deus nessas questões afetam a história, a vida e a forma da igreja? E se por nossa culpa não formos sal e luz do mundo? E se a nossa visão sobre o reino for apenas um reflexo tímido daquilo que Jesus revelou? Os desafios são enormes (o padrão é muito alto) e marcam hoje o começo de um processo que

* Publicado originalmente em *Celebrating Children* (Paternoster, 2003). Reproduzido com permissão.

pode ter um impacto significativo no desenvolvimento da teologia, na missão e na forma da igreja.

O que é oferecido aqui é apenas um esboço. Foi escrito enquanto as responsabilidades de cuidar de “crianças em risco” eram mais urgentes do que escrever. Vem do coração e da mente de alguém que dedicou a maior parte dos últimos doze anos trabalhando numa nova versão da Bíblia, destinada à crianças de todas as culturas que estão descobrindo as Escrituras pela primeira vez.

As crianças na Bíblia

Crianças do Antigo Testamento

- *Ismael* (Gn 16) significa “Deus escuta”. Sua mãe, Hagar, quando grávida, tinha tudo, mas perdeu as esperanças. Entretanto, Deus foi infinitamente gracioso com essa mãe solteira e seu futuro filho.

- *Isaque* (Gn 22) prefigurou o sacrifício de Jesus na história da provação de Abraão.

- *José* (Gn 37), o sonhador de 17 anos, foi aquele por intermédio de quem seus pais e os filhos de Israel foram salvos.

- *Benjamim* (Gn 44, 45) foi o garoto por meio de quem veio a reconciliação entre José e seus irmãos.

- *Moisés* (Êx 1) foi salvo pelo olhar atento da sua irmã, Miriã.

- A história do êxodo começa com a matança dos pequenos meninos judeus como uma prefiguração do nascimento de Cristo. A última das dez pragas do êxodo envolveu a morte dos primogênitos.

- O ponto mais importante do livro de Rute é o nascimento de um bebê, Obede, um dos ascendentes de Jesus.

- *Samuel* (1Sm 3) foi a criança por meio de quem Deus mostrou sua vontade quando os adultos falharam. Ele é um modelo de vida espiritual e obediência.

- *Davi* (1Sm 17) foi a pessoa por meio de quem foi revelado que Deus não dependia da força ou do treinamento dos adultos. Por intermédio de um garoto, os filisteus foram derrotados.

- Tanto Elias quanto Eliseu trouxeram de volta à vida um “filho de viúva” (1Rs 17.21; 2Rs 4).

- Deus usou uma criança serva para curar Naamã, o comandante do exército (2Rs 5).

- *Josias*, que reformou a política e a religião, era um jovem rei (2Rs 22). Ainda era um garoto quando começou suas reformas radicais (2Cr 34).

- *Ester*, a futura rainha que salvaria o povo judeu, era uma garota órfã (Et 2.7).

- *Jeremias* foi escolhido por Deus, embora fosse “apenas uma criança” (Jr 1).

E não é simplesmente o fato de que essas pessoas mencionadas eram crianças. A questão é que algumas das mais importantes obras e revelações de Deus foram feitas por intermédio delas. A fé e as ações dessas crianças são essenciais para o desdobramento e a realização dos propósitos divinos.

Infância no Antigo Testamento

O Antigo Testamento é muito mais do que um registro da importância de uma ou outra criança. As crianças e a infância são de grande importância na vida social de Israel e na forma como o Antigo Testamento como um todo é apresentado.

A adoração era visual e dramatizada — igualmente acessível para crianças e adultos. As instruções para a Páscoa presumem o que as crianças perguntariam sobre ela (Êx 12.26-28). Da mesma forma, as doze pedras que foram erigidas depois de terem sido retiradas do leito do rio Jordão permaneceram como um sinal para a instrução das futuras gerações (Js 4.6-7). O povo de Deus o serve e o adora por meio de rituais e práticas descritos nos livros de Êxodo e Levítico. Há pouca separação entre adultos e crianças. Em Esdras 10, quando a Lei é lida, as crianças são mencionadas como parte da multidão, lembrando a ocasião da renovação da aliança em Josué 8.35.

As crianças são vistas como um sinal da bênção de Deus no Antigo Testamento e, mesmo assim, são os primeiros a sofrer quando o pecado,

a fraude, a guerra e a fome afetam a tribo ou a cidade. Os filhos de Acã morreram por causa do pecado do pai. Há relatos vívidos e tristes do sofrimento de crianças no Antigo Testamento (Sl 106; Jr 31; Lm 1, 2, 4; Jl 3; Am 2; Sf 1).

As maiores preocupações de um adulto responsável são o bem-estar e o cuidado dos filhos. Na maioria das vezes, cabe às famílias sustentá-los. Porém, quando isso não é possível, por causa de doenças, morte, fome ou guerra, o cuidado desses órfãos é entregue ao coração de Deus (Sl 10, 146; Is 1; Sf 1.8).

O relacionamento de Deus com o seu povo é retratado de várias maneiras no Antigo Testamento. Uma das figuras usadas (posteriormente ampliada no Novo Testamento) é a de pai. Em Deuteronômio 8, Deus exorta àqueles a quem escolheu. Salmo 27.10 diz que um filho pode ser abandonado por seu pai ou mãe, mas não por Deus, o Pai celeste. A misericórdia de Deus é como a de um pai para com seu filho (Sl 103). Muito da literatura “da Sabedoria” é escrita como se um pai falasse ao seu filho (Sl 34; Pv 1-7). O povo judeu era frequentemente chamado de “filhos de Israel” ou “filhas de Sião”.

O relacionamento mãe-filho é expressivamente usado para descrever o elo entre Deus e nós, seus filhos. Há uma linda descrição da criança desmamada no Salmo 131, representando a alma calma e sossegada. A mãe pode até se esquecer do filho que ainda mama, mas Deus nunca se esquece (Is 49.15-16). O último capítulo do livro do profeta Isaías apresenta uma sensível descrição de um parto e conclui: “Como uma mãe consola seu filho, também eu os consolarei” (66.13). Oseias relata os primeiros dias de Israel: “Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho” (Os 11.1).

É possível encontrar mais motivos para reflexão ao ler Eclesiastes 11 e 12: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade”; Cântico dos Cânticos 8, referindo-se à irmã mais nova; Ezequiel e o “filho do homem” (2.1); o final do Antigo Testamento, que termina descrevendo um relacionamento renovado entre filhos e pais (Ml 4.6). E essas são apenas amostras!

Temática do Antigo Testamento

Existem três temas profundamente significantes sobre os quais ainda não falamos e que devemos abordar antes de deixar o Antigo Testamento.

Primeiro, o Salmo 8 expressa uma verdade facilmente negligenciada, da mesma forma que se negligencia a imensidão do céu à noite. Jesus dá uma atenção especial ao fato e por isso devemos parar e observar: “Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres emudecer o inimigo e o vingador” (v. 2). As crianças foram criadas e destinadas a louvar a Deus e a sua glória. Elas não são consumidores ou adultos em miniatura, mas adoradores do Deus Criador. Seus ouvidos, olhos, pés, mãos e vozes foram feitos para louvar a Deus — essa é a sua verdadeira natureza e finalidade. Porém, mais do que isso, elas têm o papel especial de silenciar os inimigos de Deus. Quando tudo o mais falhar, as crianças (como Samuel e Davi, por exemplo) serão os instrumentos de moral, virtude espiritual e poder. Isso não é surpreendente? A criança é moldada, moral e espiritualmente, à semelhança do “Pai da humanidade”.

Tal fato nos leva a uma segunda grande descoberta, encontrada em Isaías 11. Esta passagem retrata brilhantemente o reino messiânico: “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará”. Qual é o lugar das crianças? Liderando! E será um lugar seguro onde as crianças poderão brincar — ao contrário dos centros urbanos, da guerra, da selva do mercado dominante e consumista dos dias de hoje (veja também Isaías 65). As crianças ocupam o lugar mais importante no reino dos céus. Jamais podemos perder isso de vista se quisermos entender os ensinamentos de Jesus, nosso relacionamento com Deus e nossa missão na terra.

Há um papel culminante para a criança no Antigo Testamento. Isaías fala sobre a ira santa de Deus contra o pecado e a hipocrisia da humanidade. Mesmo parecendo uma situação desanimadora e desalentadora, ainda assim Deus dá um sinal: “A virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7.14). O fim da ação salvadora de Deus é uma luz para aqueles no vale da sombra da morte: “Porque um

menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros...” (Is 9.6).

O foco não é um rei guerreiro, um sábio mestre ou um sumo sacerdote, mas uma criança. A salvação deve ser procurada em toda parte e por todos... Mas o governo estará nos ombros dessa criança. Agora o cenário está montado e o palco armado para nos aventurarmos pelo Novo Testamento.

O Novo Testamento e as crianças

Nos Evangelhos encontramos a continuação e o desenvolvimento de cada um dos temas do Antigo Testamento.

Jesus encontra várias crianças durante a vida. Por exemplo: a filha da mulher cananeia (Mt 15; Mc 7), o jovem endemoninhado (Mt 17; Mc. 9; Lc 9), o filho do oficial em Cafarnaum (Jo 7), a filha de Jairo (Mt 9; Mc 5; Lc 8), o filho da viúva em Naim (Lc 7), e o garotinho que ofereceu a ele cinco pães e dois peixes (Jo 6).

As crianças são muito especiais para Jesus e elas são trazidas a ele. Assim como a adoração e os rituais do Antigo Testamento, seu método preferido de ensino – por meio de histórias e sinais – é igualmente acessível para crianças e adultos.

Existem quatro aspectos das narrativas dos Evangelhos que chamam nossa atenção. O primeiro é o nascimento de Jesus, a *encarnação*. Os Evangelhos de Mateus e Lucas dedicam os capítulos iniciais a isso. Mateus cita a passagem de Isaías sobre a virgem e a criança (Is 7.14). Os magos saíram em busca do recém-nascido. Quando o acharam, o adoraram se ajoelhando e ofereceram presentes. A narrativa do Êxodo é recriada e revisitada quando Herodes percebe que foi enganado. Mais uma vez, os menininhos foram mortos. Em Lucas existem vários relatos sobre os nascimentos de João Batista e de Jesus. Lucas fala do sinal aos pastores, que se refere à profecia de Isaías: “Encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura” (Lc 2.12). Simeão fala do significado da criança: “Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo

de contradição” (2.34). E para aqueles que almejavam a redenção de Jerusalém, veio a profetisa Ana e falou a respeito “do menino” (2.38).

A palavra *criança* é repetida várias vezes em todos os Evangelhos nesse ponto da história. O significado de tudo isso é que Deus escolheu vir ao mundo para revelar-se como um bebê e como uma criança. Talvez estejamos tão acostumados com o Natal que não percebemos o quanto isso é radical. O teólogo Nestor ficou tão transtornado com as implicações desse fato que escreveu: “Eu não consigo conceber que Deus tenha dois ou três meses de idade!”. Karl Barth, descrevendo o bebê indefeso, escreveu: “Este é o seu Deus! O supremo Deus criador é uma criancinha tão pequena? Será isso possível? Se é, o que significa?”.

Escritores de nossos hinos depararam-se com esse paradoxo e escreveram versos como “num berço de palha dormia Jesus, o meigo menino...” ao mesmo tempo em que “Cristo, o Todo-Poderoso, nasce em Belém...” e outras indicações de total deslumbramento. Se é difícil imaginar como a grandeza da mente de Deus pôde habitar no ser humano, muito mais incrível é o desafio de ver a imagem de um bebezinho em contraste com a de Deus todo-poderoso! Do ponto de vista divino não há complicação nenhuma; porém, isso abala nossos preconceitos. Um bebê é pequeno, fraco, dependente e vulnerável, precisa de educação, treinamento e linguagem... E Deus nos fala que precisamos aprender a sair dos palácios e dos encontros com eruditos e poderosos e chegar até a manjedoura e a criança.

O segundo aspecto que encontramos nos Evangelhos diz respeito a *crianças e infância*. É preciso algum esforço de nossa parte para entender a mente de Jesus. Precisamos voltar ao capítulo 17 de Mateus e ler até o capítulo 21, que é o trecho que cobre o período entre a transfiguração e a entrada de Jesus no templo em Jerusalém. (Também narrado em Marcos 9-11 e Lucas 9-19.) Esses capítulos contêm alguns dos ensinamentos mais claros de Jesus sobre a natureza do reino. A primeira atitude de Jesus depois da transfiguração foi curar um jovem endemoninhado. Em seguida, ensinou sobre impostos, pagamentos e filiação. Em Mateus 18 encontramos a famosa lição “se não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus”. Há também referência

àqueles que causarem mal aos pequeninos e à história da ovelha perdida aplicada às crianças.

Depois, Jesus ensinou sobre o perdão e o divórcio e fez ponderações sobre outros questionamentos de adultos. E novamente colocou as crianças no lugar mais importante do reino (19.13-15). Um jovem rico foi ordenado a vender tudo o que tinha para entrar no reino (isto é, tornar-se como uma criança). A parábola sobre os trabalhadores na vinha demonstra a surpreendente natureza do reino e é seguida por mais referências à morte de Jesus. A mãe de Tiago e João queria lugares privilegiados para os filhos. Estava completamente equivocada quanto à natureza do reino e o que significa “ser criança”.

Os dois cegos (20.29-34) fizeram muito melhor! Jesus, então, entrou em Jerusalém e a multidão o saudou. No templo, as coisas continuavam como se Cristo e o reino de Deus não houvessem chegado. Apenas as crianças continuaram a louvar a Jesus. E foram reprimidas. Porém, Jesus confirmou que elas faziam exatamente aquilo para que foram criadas: louvar e adorar a Deus (Sl 8.2).

O que descobrimos? Uma linha — que vai da transfiguração ao templo, da montanha ao monte Sião — que liga o ensinamento sobre a morte de Jesus ao reino dos céus. Todos os principais comentários deixam de lado o fato de que as crianças são o elo e muitas traduções falham ao traduzir *nepioi* (criancinha) como *inocente* (Mt 11.25; Lc 10.21).

O terceiro aspecto a considerar nos Evangelhos é o *reino dos céus*. O que Jesus ensina sobre esse reino?

- A grandeza nesse reino não tem nada a ver com *status*, poder, força, influência, riqueza ou qualquer outra coisa normalmente associada à grandeza humana.

- É preciso mudar (arrepender-se) para entrar no reino.

- É preciso tornar-se como uma criança para entrar no reino dos céus.

- Ao acolher as criancinhas, estamos acolhendo o Senhor do reino!

- O reino pertence àqueles que se tornam como crianças.

O reino não é, de forma alguma, como um reino da terra — é o oposto, em todos os aspectos. A melhor maneira de descrevê-lo não é

como um lugar ou território, mas como a “maneira que Deus age”. Ao entendermos isso, todas as histórias do reino mudam de lugar.

Outro paradoxo do reino é sua completa instauração e seu início. O reino já foi inaugurado, mas ainda não está inteiramente instalado. O conhecimento sobre as crianças nos ajuda a entender: elas são inteiramente humanas (agora), porém não estão inteiramente desenvolvidas (ainda não são adultas). A infância e o reino se explicam mutuamente.

O quarto e último aspecto é uma descrição simples e poderosa de que, para entrar no reino, é preciso tornar-se como uma criança. Este é o ensinamento de Jesus a Nicodemos (Jo 3): “Você precisa nascer de novo”. E Jesus está ensinando exatamente esta mesma verdade: é preciso arrepender-se, deixar de lado todos esses preconceitos adultos, culturalmente estabelecidos, e tornar-se um bebezinho. É preciso recomeçar em Cristo. Isso não é uma metáfora ou ensinamento isolado. Assim como Mateus, Marcos e Lucas, João está registrando a necessidade de um adulto tornar-se como uma criança — porque, de outra forma, não será possível ver o reino de Deus.

Tal verdade pode ser vista no Evangelho de João, no relacionamento entre Jesus e o Pai. Esse é um referencial para nós. Assim, quando oramos, em vez de dizer *Poderoso Deus, Criador* ou *Senhor Deus*, podemos dizer *Pai-Nosso*. Esse relacionamento é a concretização da esperança contida no Antigo Testamento. O Evangelho de João começa falando sobre os “filhos de Deus” e a vida de Jesus mostra de forma terna e bem clara o que isso significa.

Nos Evangelhos e no reino, as crianças são o centro — como o garotinho que ofereceu cinco pães e dois peixes para os discípulos adultos que chamaram a atenção de Jesus dizendo que aquilo não seria suficiente.

E o restante do Novo Testamento? Romanos e Gálatas mostram a natureza do nosso relacionamento com Deus em Cristo. Fomos adotados na família de Deus e podemos conhecer a Deus como *Abba*, como pai. Devemos viver cada aspecto da vida de Cristo e viver como filhos da luz. Uma de nossas formas favoritas de descrever o seguidor de Jesus é “filho amado”. As epístolas descrevem um novo modo de vida, em

Cristo, de forma que não há nem macho nem fêmea, judeu ou grego, servo ou livre!

Como vimos, a Bíblia tem muito a dizer sobre as crianças. Quais são as implicações de tudo isso?

Preparando o terreno

Primeiro, vejamos alguns erros do passado para evitá-los antes de começar a delinear uma estrutura teológica para o futuro.

Cometemos vários erros quando se trata de *reino* de Deus e missão. Nós os concebemos de acordo com a nossa cultura. Reino, império e colonialismo, tudo se resumia a poder, território e conquistas. Pensamos que missão é aquilo que fazemos; que o reino de Deus depende do nosso trabalho.

Passamos longe do sentido de *teologia*. Ela tem sido uma ocupação adulta com muita ênfase na filosofia, na doutrina, na teologia sistemática e na hermenêutica. Pouca atenção é dada às histórias, paradoxos e sinais do reino.

Cometemos erros na *igreja*. Nossas prioridades são confusas. Algumas vezes não conseguimos distinguir reino e igreja. Muitas vezes menosprezamos o lugar e a ajuda das crianças. Pensamos sinceramente que não temos nada a aprender com elas!

Fomentamos *sociedades* nas quais os adultos, o poder, a riqueza e os bens parecem valer para quase tudo, e os ensinamentos de Jesus sobre vender tudo o que temos, para muitos, é inconcebível. O “ser criança” se perdeu, ou ficou restrito à vida adulta, por causa de nosso comercialismo e dos programas adultos de educação. As crianças estão em segundo plano no sistema político. Elas sofrem imensamente, e a ira de Deus parece não ter nos comovido a fazer a coisa certa.

Assim, vamos pensar numa base teológica para a nossa futura missão ao lado das crianças e entre elas.

Baseio-me em *Missão Transformadora*, de David J. Bosch, teólogo sul-africano que morreu num acidente de carro em 1992, no Pacto de Lausanne e no subsequente manifesto de Manila. Eles organizam a vida

de Jesus em princípios centrais. É uma estrutura cristocêntrica em sua forma e ênfase.

Assim como qualquer seguidor de Jesus, somos chamados a apresentar os nossos corpos como sacrifício em sua obra; a permitir que a visão e a mente de Cristo estejam presentes em todos os pensamentos e atitudes; a servir a Jesus como Senhor; a viver novos relacionamentos e uma nova comunidade com tamanha unidade e amor que as pessoas saibam que somos discípulos dele; a levar em frente suas prioridades e sua missão. Esse é o nosso chamado. Porém, qual é o chamado específico para aqueles envolvidos no trabalho com crianças e jovens em risco?

Uma base cristocêntrica para a missão

Vamos tomar como base os seis maiores eventos da vida de Jesus e perceber como eles esclarecem a nossa missão e tarefa.

A encarnação — o modelo da missão

A teologia evangélica protestante tendeu a ser relativamente fraca neste ponto e, de certa forma, desgastou a cruz e a redenção. Precisamos encontrar as implicações e responsabilidades do surpreendente evento da encarnação.

Deus veio ao mundo no tempo e no espaço, e Jesus, com sua vida e seus ensinamentos, trouxe perdão e cura para as pessoas, independente da função, do gênero e da classe.

Criação de filhos, famílias, comunidades, trabalho e descanso são tão importantes para Jesus que ele trouxe restauração para as pessoas e para os relacionamentos. O Novo testamento vê os relacionamentos como algo central em nosso chamado como seguidores de Jesus. Ele nos chama a segui-lo e, ao perguntarmos “o que Jesus faria?”, descobrimos que seu ministério é um parâmetro simples e vívido.

Os cristãos estão buscando continuar a obra de Jesus em cada família, cidade e rua, em cada trilha, montanha, rio e poço, em cada ferida e doença. A transcendência e a divindade de Jesus são distintamente reveladas no Evangelho de João por meio de sua humanidade. Em sua vida diária, com poeira em seus pés e sentindo sede, ele revelou a graça e a glória de Deus.

As dimensões social e política do evangelho estão implícitas na agonia, no suor e no sangue de Jesus — não só na cruz, mas também em sua vida e ministério. A luta e o sofrimento como ponto principal do Pacto de Lausanne representa a luta e o sofrimento segundo o evangelho. O mal não está apenas no coração humano; está também em nossas estruturas sociais, e não existe evangelho sem solidariedade (encarnação).

Nisso e em outras coisas reconhecemos as implicações da encarnação para a nossa vida e para o nosso chamado em Cristo. Porém, a convivência com as crianças em situação de risco nos leva a esclarecer alguns aspectos obscuros da encarnação. Tradicionalmente, o credo teológico ocidental enfatiza que Jesus tornou-se homem (“*homo factus est*”). Por outro lado, as narrativas dos evangelhos enfatizam o Jesus *criança*. Profetizado por Isaías, o sinal no Evangelho de Lucas de que aquele realmente era o Messias, o escolhido de Deus, era de fato “um bebezinho deitado em uma manjedoura”.

As implicações da encarnação envolvendo um bebê e uma criança não foram muito bem trabalhadas na teologia ocidental. Será que os credos precisam ser modificados? “*Puer factus est*”: ele se tornou um garoto. Esta tendência de menosprezar o significado de “Jesus criança” justifica os comentários sobre o seu ministério e seus ensinamentos. O principal ensinamento sobre a infância, necessário para entender e entrar em seu reino, é geralmente ignorado ou desprezado. Nós não vemos as crianças como um sinal do reino. Cristão é aquele que nasce de novo, que se torna como uma criança. Esse processo é profundamente interligado com a encarnação: “Jesus criança” em nós, e nós nele.

A cruz — o preço da missão

A vida e a morte de Jesus não podem ser separadas. Estão ligadas de modo indissolúvel. Filipenses 2 resume sua vida e morte: “Encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte e morte de cruz!” Pouco antes de ser executado, Bonhoeffer escreveu: “Quando Cristo chama um homem, ele o desafia a vir e a morrer”. A

cruz é o símbolo da nossa salvação por intermédio da morte sacrificial de Cristo. A cruz é também uma lembrança de que o sofrimento é a maneira de Deus agir na história. Não há como seguir a Jesus sem cicatrizes.

Como seguidores de Jesus, vivemos sob a sombra da cruz. É uma lembrança constante; é símbolo da realidade e da feroz crueldade do pecado humano, da rebelião e do sofrimento. Nós nos iludiremos se minimizarmos a extensão do sofrimento e da degradação humana. A cruz nos lembra da constante necessidade de arrependimento e mudança, como pessoa e como comunidade. Não há missão sem lágrimas.

A cruz é o lembrete de Deus de que não podemos salvar a nós mesmos por meios humanos: nossa situação é muito difícil. Não estamos apenas perdidos, mas também mortos em nossos pecados. A cruz aponta para o sacrifício de Jesus, aquele que não teve pecado, para que pudéssemos estar em conformidade com Deus. Não há cura ou perdão fora do sangue inocente que foi vertido. A cruz constantemente desafia nossas próprias razões e compromissos — nos chama a amar independente de recompensa ou retorno.

A cruz é também um símbolo de reconciliação, unindo pessoas independentemente de credo, identidade ou classe. É um lugar onde nos encontramos no mesmo patamar.

Mediante todas essas coisas, reconhecemos as implicações da cruz para nossa vida em Cristo. Porém, aqueles que são chamados para viver ao lado das crianças e entre elas são constringidos a clamar em favor do sofrimento de crianças de todas as culturas e economias ao redor do mundo. Elas estão sofrendo como ovelhas em silêncio nos altares dos nossos deuses.

Como adultos, nos tornamos tão obcecados com nossas próprias ambições, receios e obrigações que permitimos o sofrimento de várias gerações de crianças. Nossas instituições e estruturas refletem isso. A cruz nos chama a identificar, acima de tudo, os oprimidos e os que sofrem cronicamente. As crianças inocentes que sofrem em nosso mundo encontram, em Jesus e na cruz, alguém que as entende mais do que qualquer um jamais poderia entender.

A ressurreição — a ordem para a missão

Somos um povo que celebra a Páscoa e a nossa canção diz “Aleluia”! Por meio de Jesus as coisas futuras — alegria, esperança e vitória — se fazem presentes.

Os cristãos não são amargos, furiosos e consumidos por desejos de destruição e vingança porque a cruz substituiu esses desejos pelo amor, e porque o túmulo vazio abre novos horizontes.

Creemos que não existe situação que não possa ser transformada pelo poder do Senhor ressurreto. Ao vislumbrar a realidade da transformação do reino de Deus, podemos identificar e confrontar as forças da morte, exploração e destruição. Não sentimos medo de desmascarar ídolos e falsos deuses.

Estamos preparados para nos tornar sementes, que morrem para que a vida de Deus possa ser revelada em toda a sua glória. Valorizamos cada pessoa na terra e cada relacionamento à luz do amor de Deus. Vemos além da vida humana, além das sepulturas e dos campos de morte.

Em tudo isso nos identificamos com os irmãos em Cristo ao redor do mundo. No entanto, aqueles que trabalham ao lado e entre as crianças em risco são constrangidos a levar em conta as formas como elas nos falam sobre a ressurreição.

Contemplamos, na capacidade e na resistência das crianças, no olhar de perda, no sofrimento e humilhação, o desejo de lutar por um mundo melhor — ressurreição em ação. Em nosso mundo as crianças são sinais da Páscoa, como galinhos verdes depois de um rigoroso inverno.

A ascensão — o impulso para a missão

O significado da ascensão de Jesus para a nossa vida e para a missão de Deus também foi ignorado. A ascensão é o sinal de que Jesus Cristo é rei e de que seu reinado já começou. Somos chamados a viver como o povo do Messias, num mundo que não reconhece a Jesus como Senhor. Devemos resistir à pressão de sermos postos nos moldes do mundo e nos modelos eclesiais e institucionais que distorcem os valores e as prioridades de Cristo.

Há uma vasta visão bíblica desse novo reino ao longo das escrituras e somos chamados a vivê-lo em nossa vida, em nossa família, em nosso país, em nossa cultura e no mundo inteiro.

Na história das missões, outras visões moldaram, de forma inconsciente, a vida e a proclamação do reino de Deus. De certo modo, poder e *status* foram mais valorizados do que o dom do amor e do servir. Esse reino exige que invertamos o *status quo*. As crianças são o centro da visão; isso é um contraste revolucionário com o reino político de hoje que, em suas preocupações com “questões adultas” e suas soluções, perdeu o contato com o “espírito da criança”.

As crianças e a infância nos apresentam vislumbres da natureza e da dinâmica do reino de Deus, especialmente o “agora” e o “ainda não”. Isso é uma tensão criativa. Vemos uma criança e um cordeiro sacrificado no centro daquela visão. É um reino eterno onde cada aspecto da criação vive em harmonia, sem medo e sem dor.

Pentecostes — o poder para a missão

O Espírito de Deus é poderoso na vida e no testemunho do seu povo. O amor e a irmandade do povo de Deus são partes da mensagem que a igreja proclama.

A diferença dessa comunidade é que ela existe para os outros, para ser serva de toda a irmandade mostrando a retidão e a justiça em suas atitudes. A comunidade da igreja é um retrato do reino de Deus na terra, mas não o reino em si mesmo. É uma comunidade de seguidores de Jesus, no mover e em resposta aos planos, ao chamado e ao tempo de Deus. Nenhum cristão, sozinho ou em comunidade, existe independente da capacitação do Espírito e de sua *koinonia*. Cristo nos vê por meio do seu povo.

Todos os que trabalham com crianças estão conscientes de que a igreja tem repetido com frequência crenças e costumes da cultura na qual está inserida, em detrimento do exemplo de Cristo. As crianças não têm sido o centro da nossa vida e da nossa adoração em comunidade. Muitas vezes, como o menino Jesus, elas são postas em segundo plano. Incomoda-nos a questão do batismo infantil, da Ceia do Senhor e o fato

de as crianças serem ou não salvas e em qual idade. Como os discípulos de Jesus, temos sido negligentes para com a forma como viemos ao mundo — como crianças. Tendemos a ver o trabalho com crianças como se estivesse fora do âmbito principal da igreja e da adoração. Precisamos reconhecer o chamado bíblico para repensar nossa pauta.

A segunda vinda — a urgência da missão

Todo o nosso trabalho, nossas iniciativas e estruturas, como a celebração da Ceia de Senhor, são permanentes. Vivemos o período entre a primeira e segunda vinda de Jesus. Vemos em parte (agora); o reino é concebido em partes. Entretanto, o veremos face a face, e o reino será revelado em sua plenitude.

Estamos em alerta e na escuta; trabalhamos sabendo que ele pode vir a qualquer momento. Trabalhamos em todas as partes do mundo, porque essa é a sua ordem. Ele não tem preferência por povos ou culturas: todos são objetos da sua graça e amor e todos os povos estarão igualmente jubilosos ao tomarem parte no novo reino. Sabemos que Jesus pode voltar hoje mesmo — o sofrimento de milhões de crianças provocará sua ira fulminante e julgamento sobre aqueles povos e governos que as oprimem e maltratam.

E os que trabalham com crianças precisam reconhecer o lugar e o papel especiais que elas ocupam no reino de Cristo. Elas vão conduzir a adoração, porque para isso é que foram criadas. Elas estarão no centro e os séculos de marginalização, abuso e vitimação serão trocados por uma experiência de perfeita liberdade e harmonia.

Essa abordagem e esse contorno têm implicações radicais e capazes de abalar o mundo. Vejamos mais claramente algumas delas.

Teologia

Nas últimas décadas, aconteceram mudanças significativas na tradição teológica do Ocidente envolvendo as mulheres e as nações e culturas não-europeias. O velho modelo colonial está desmoronando. Não podemos ler o Antigo Testamento, ver Jesus, ou entender o Novo Testamento e os Evangelhos da mesma forma. Como fomos capazes

de perder verdades transcendentais e de sermos esmagados por nossas limitações, abordagens superficiais e suposições? Começamos a entender o nosso Senhor e Salvador de maneiras novas e vivas: o Jesus que nunca chegamos a conhecer.

Na teologia, de forma geral, as crianças foram tudo – menos invisíveis. O ponto inicial da teologia deveria ser o ensinamento de Jesus: agindo, não apenas escutando, nascendo de novo e se tornando como criança. Há muito mais que “precisamos desaprender – toda a estrutura adulta, e os anos de enfado”.¹

Igreja

Ao lado das mudanças no entendimento e no processo teológico, vieram novas visões da natureza da igreja. Por séculos, o que predominava entre as denominações na Europa eram as instituições que cultuavam em um prédio sob liderança masculina. Esse modelo chegou a um ponto de crise: há um declínio geral e crônico, especialmente entre as crianças e os jovens.

Existem outras maneiras de ser uma igreja? Anne Wilkinson-Hayes e Stuart Murray observaram exemplos de diferentes partes do mundo. E uma das descobertas foi que, em muitos casos, “as crianças são imprescindíveis no caminhar da igreja”. Lembro-me da euforia e do sentimento de estar diante de uma grande descoberta, no último Cutting Edge, quando Stuart Christine falou sobre a mudança dramática em seu entendimento sobre a igreja quando ela viu crianças no centro do ministério, da vida e da adoração.

Precisamos redefinir o centro e as margens da igreja [...] que sempre se renova. E o centro é claramente definido nas Escrituras: viúvas, órfãos, estrangeiros e os “pequeninos”.

Se quisermos estar na vanguarda da obra de Deus, temos um grande trabalho a fazer.

Sociedade

O chamado para mudar o mundo de acordo com os padrões do reino de Deus é nosso. Os cristãos não podem aceitar o *status quo* e devem ser sal

e luz em todos os níveis: vivendo de uma maneira diferente, desafiando o mal, o poder e as tradições. A canção profética de Graham Kendrick: “Quem pode sondar as profundezas da dor no coração paternal de Deus?”, poderia tornar-se um hino para aqueles de nós envolvidos com crianças em risco.

Cristãos que trabalham com crianças em risco precisam desafiar as preferências e os conceitos dos adultos e as influências do mercado que corrompem as crianças e a infância. O padrão e o entendimento das famílias e dos pais precisam ser repensados. Os cristãos devem se envolver, de forma pessoal e corporativa, em ações e políticas, com indivíduos e instituições, com ideologias e estruturas.

Obediência

Nós não escolhemos a Jesus; ele nos escolheu. Ele nos amou e se entregou por nós. Ele nos enche com o seu Espírito e nos guia para a sua missão. E, ao nos guiar para estar entre as crianças, Jesus nos confia o centro da sua missão e do seu reino. Ele nos adverte sobre o preço e o perigo e nos promete que, ao abrir o coração a uma criança, estamos recebendo a ele próprio.

Hoje temos um chamado maravilhoso para estar ao lado de crianças em risco e para remodelar o processo, a natureza e as estruturas da igreja, da missão e da sociedade. Do ponto de vista de Deus, se falharmos, não apenas as crianças continuarão a sofrer, mas também toda a sociedade. As crianças deixarão de ter seu verdadeiro lugar, e o próprio Jesus será mal interpretado e não reconhecido. Ele terá batido em vão à porta do nosso coração e da nossa comunidade. Porém, quando nós recebemos uma criança em seu nome, abrimos o coração a ele.

Para pensar

1. Em nosso trabalho com crianças, frequentemente as enxergamos mais como um problema e como uma questão difícil do que como crianças. Reflita sobre os desafios apresentados neste capítulo e discuta como você pode responder a eles.

2. Crie um grupo de discussão com seus colegas de trabalho ou companheiros de estudo e discuta como colocar as crianças no centro da missão. Tome nota das discussões como uma proposta para a sua entidade (ou organização).

3. Escreva uma breve teologia da missão, reunindo o material bíblico e as reflexões contidas neste capítulo.

Keith J. White, casado, quatro filhos, é diretor da Mill Grove, organização inglesa que abriga crianças e adolescentes desde 1899. É fundador do Movimento Teologia da Criança e autor de, entre outros, *A Place for Us* e *Children and Social Exclusion*.